

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE
ANDROMEDA | ANDRÓMEDA – SETOR VII

A exploração da constelação de *ANDROMEDA* | ANDRÓMEDA – Setor VII ocorreu sob a orientação das Professoras-Capitãs Sandra e Lurdes. A turma – a tripulação de exploradores aventureiros, por vezes apresentou a sua veia de piratas, navegadores destemidos que ajudaram aqueles com quem se encontraram. Piratas bonzinhos, portanto.

O Setor em causa tinha mundos e cidades, onde reinava a amizade e a simpatia. Por vezes ocorria alguma situação menos agradável, mas cada um dos elementos da Turma conseguiu resolver os problemas com que se deparou.

Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os *itálicos* que pontuam os textos.

EMALÂNDIA

Num dia de Verão a Turma foi visitar uma cidade desconhecida com o nome de Emalândia.

Quando lá chegaram, os exploradores separaram-se em duplas, para irem conhecer a cidade. Eu fui com a minha BFF Matilde Ferreira.

Ao andar pela cidade encontrámos um monstro gigantesco, a dormir encostado a uma árvore. Ao vê-lo, ficámos muito assustadas e sem saber o que fazer, até que nos pareceu boa ideia caminhar calmamente em bicos de pés, para o monstro não nos ouvir.

Ao que parece, resultou, pois conseguimos percorrer o resto da cidade sem que o monstro acordasse e nos perseguisse.

No final da aventura encontrámo-nos com os outros colegas da turma e contámos-lhes as nossas peripécias. Ao que parece mais nenhum teve de caminhar em bicos de pés para não acordar o monstro. Muitas risadas se ouviram no final do dia.

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Sub-título: Andrómeda – Setor VII

Autores: Adriana Feio, Ana Margarida Pereira Matos, Benedita Ferreira, Bernardo Bernardes, Carlos Manuel Santos, Diana Beatriz F. Fonseca, Ema Sofia Lopes de Almeida, Francisca Gouveia, Iva Figueiredo, José Silva, Maria Francisca Ribeiro, Matilde Ferreira, Matilde Rodrigues, Miguel Ferreira, Pedro Nuno Tomás Mota, Rafael Aires, Rodrigo Correia, Salvador Nunes [Escola Básica da Ribeira, 3.ºC (Andrómeda – Setor VII)]

Design e Ilustração: Miolo e Meio, Ida.

Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/

Viseu. Junho, 2020.

A ILHA DO VULCÃO

Um dia quisemos dar a volta ao mundo, mas precisávamos de um barco. Então fomos chamar um capitão e ele emprestou-nos um barco. Fomos então dar a volta ao mundo.

Chegámos a uma ilha desconhecida, desembarcámos para terra e eu fui para um canto da ilha. Na ilha vi girafas do tamanho de formigas, formigas do tamanho de girafas, elefantes com asas, os únicos dinossauros do mundo e homens das cavernas.

Deparei-me com uma gruta onde encontrei um mapa com uma caveira e um símbolo de um tesouro. Segui as indicações do mapa que me levou até um vulcão.

Escalei o vulcão e só vi lava, foi então que me esforcei um pouco mais indo parar dentro do vulcão. Lá dentro vi um tesouro! Mas para lá chegar tinha de saltar um rio de lava: não arrisquei a minha vida pois ela vale mais que qualquer tesouro.

Apercebi-me que já tinha passado muito tempo, tinha de ir embora rápido e voltar para o barco.

Quando lá cheguei, a Turma toda estava à minha espera. Voltámos para a escola e cada um descreveu a sua aventura.

A CIDADE P.N.T.M

A Turma ganhou uma viagem a uma cidade muito especial... a cidade P.N.T.M. Em euforia e muito ansiosos esperámos até que chegou o dia de uma verdadeira e deliciosa aventura.

A entrada para a cidade tão misteriosa era um castelo todo feito de chocolate. Para entrar foi preciso calçar uns sapatos especiais. De repente e para grande surpresa de todos, um alto e enorme portão preto e com um maravilhoso cheiro a chocolate abriu as portas.

Os olhos de todos os meninos brilharam e as suas caras estavam espantadas. Nem queríamos acreditar... tínhamos ido visitar uma cidade, toda, mas mesmo toda, feita de chocolate.

Ruas largas e grandes cobertas de chocolate. Árvores altas com ramos enormes, jardins cheios de flores de todas as cores, as casas e os carros pareciam de brincar...

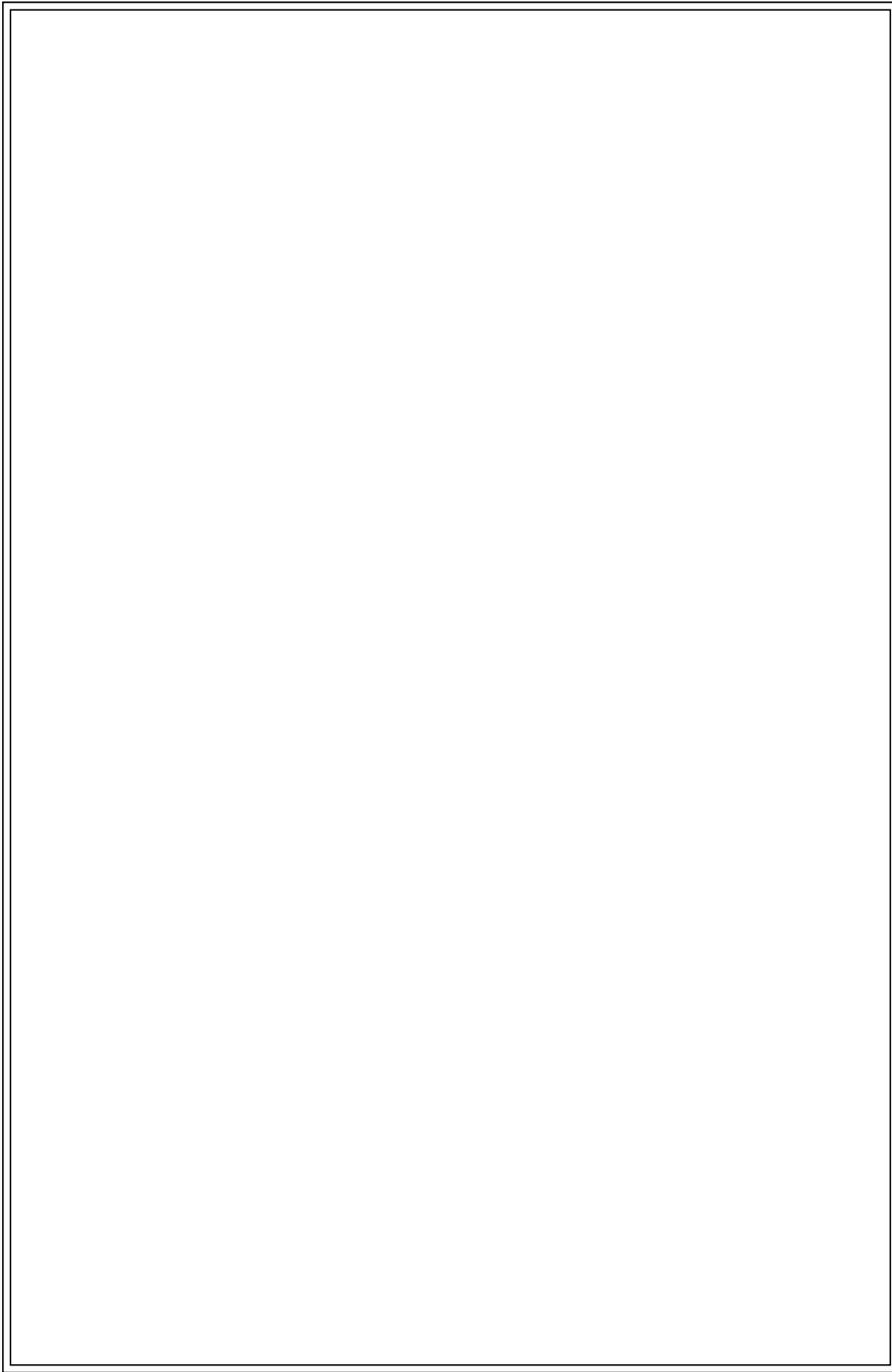
Mas a melhor surpresa aconteceu quando um senhor vestido com uma capa de chocolate coberta de avelãs e com um enorme chapéu em bico feito de chocolate branco nos levou até ao lago da cidade. O lago era enorme e lá dentro tinha chocolate derretido...

Encantados com o que víamos olhámos uns para os outros e... de uma só vez e todos juntos, saltámos lá para dentro.

Corremos, saltámos, mergulhámos, rebolámos, brincámos... As gargalhadas ouviam-se em toda a cidade. Os habitantes contagiados com tanta alegria e felicidade juntaram-se à Turma e transformaram o lago numa verdadeira piscina.

Nunca esta cidade tinha recebido uns visitantes tão curiosos, divertidos e com tanta energia.

De regresso a casa também nós parecíamos feitos de chocolate. Estávamos cansados, mas super-felizes...



A ILHA DO LAGO

Numa linda manhã de Primavera decidi ir passear no meu pequeno barco à vela.

Passadas duas horas a navegar no mar, levantou-se uma grande ventania que puxou o meu barco com tanta força que eu não consegui controlá-lo na direção que eu pretendia. Como não conseguia controlar o barco, comecei a ficar muito assustado porque não sabia para onde estava a ir.

De repente, ao longe avistei uma ilha e a força do vento por sorte empurrou-me para lá.

Quando o barco parou amarrei-o com uma corda, a uma árvore, para que o vento não o levasse. Entretanto o vento acalmou e eu decidi ir explorar a ilha. Comecei a caminhar pelo meio da vegetação e apercebi-me que não tinha habitantes e que se tratava de uma ilha deserta.

A ilha era pequena, mas muito bela, com uma grande variedade de arbustos cheios de saborosos frutos silvestres com os quais me delicieei. Tinha também árvores grandes e frondosas e lindas flores. Quando estava a acabar de dar a volta à ilha, encontrei uma entrada que parecia ser a de uma gruta. Um pouco a medo aproximei-me e espreitei lá para dentro e realmente tratava-se de uma gruta muito bonita. Comecei a percorrer a gruta e vi uma luz que era o sol a entrar por um buraco. Quando me aproximei mais dessa luz, encontrei um lago. A água era cristalina e brilhava com a luz do sol. Resolvi dar um mergulho e a água era muito quentinha.

Depois desta aventura na ilha decidi voltar a casa enquanto ainda era de dia. A viagem correu às mil maravilhas e eu vinha muito feliz com a minha descoberta. Contei a minha aventura a toda a gente, e todos queriam ir lá um dia.

Como gostei tanto do lago da gruta decidi dar o nome à ilha de” Ilha do Lago”

A ILHA COMILÂNDIA

Eu e os meus colegas da turma fomos à ilha Comilândia com a Maruja Sandra. Depois de vários dias e várias noites à deriva no mar, avistámos a Comilândia.

Esfomeados que estávamos, entrámos pela ilha dentro e começámos todos a comer sem prestar atenção a mais nada.

Já de barriga cheia e muito cansados fizemos, todos, uma grande sesta. Ao acordar vimos que a comida que tínhamos comido estava toda lá de novo, tinha aparecido como que por magia.

Pensámos então que esta era a ilha certa para viverem as pessoas mais pobres, pois assim teriam sempre o que comer.

Com a ajuda da Maruja Sandra conseguimos organizar viagens para levar os mais pobres para a Comilândia.

Serviu a ilha Comilândia para fazer felizes, contentes e alimentados todos aqueles que passavam necessidades.

A ILHA DOS PERDIDOS

Eu, e os meus amigos da Turma, decidimos ir fazer uma viagem. Durante o caminho o barco afundou-se e o mar levou-me, desmaiada, até a ilha. Quando acordei, cheia de frio e assustada, olhei à minha volta e não vi os meus amigos.

Levantei-me, fui-me aquecer e comecei a pensar num plano para os encontrar. Foi nesse momento que decidi começar a procurá-los.

Durante o caminho encontrei uma mesa com um caderno por cima, abri-o e fiquei muito feliz, porque lá dentro estava desenhado um mapa do tesouro. Comecei à procura dele, seguindo o mapa. Subi montanhas, passei rios e florestas e ultrapassei diversos obstáculos, mas tudo valeu a pena. Fiquei mais crescida e, no final, encontrei o melhor tesouro de sempre e todos os meus amigos, são e salvos.

Juntos decidimos chamar a ilha de “Ilha dos Perdidos”.

IVALÂNDIA

Um dia eu e os meus colegas fomos fazer uma viagem de barco. A nossa ideia era ver um território, mas ninguém o conhecia. Partimos num dia de sol, num navio enorme. Durante a viagem vimos golfinhos, focas, baleias e outros animais marinhos.

A Capitã tanto procurou com os seus binóculos que viu um monte muito grande: parecia um território mágico. Ouviam-se as ondas a bater nas rochas da ilha. Aproximámo-nos da ilha, parámos o navio e fomos para o território.

À entrada da ilha, que para nós era um território desconhecido, estava sentado, num muro, um papagaio. Nós perguntámos-lhe o seguinte:

– Onde é que nós estamos? Sabes?

Ao que o papagaio respondeu *{que era uma ilha sem nome, à espera de exploradores}*.

Foi aí que nós decidimos colocar-lhe o nome de Ivalândia. Aquele lugar era mágico, tinha animais diferentes e plantas desconhecidas. Todo o grupo estava encantado e ninguém queria regressar a casa.

Apanhámos alimentos e fizemos uma grande festa! *{Um dia, já com saudades, finalmente decidimos regressar a casa.}*

A ILHA

Um dia eu e os meus colegas fomos passear de barco. Depois de andarmos a navegar de um lado para outro, como os piratas, vimos ao longe uma ilha.

Parámos o nosso barco e cada um foi para seu lado explorar. A primeira coisa que eu vi foi um vulcão. Aproximei-me e de repente comecei a ouvir umas vozes. Andei à volta para ver se descobria de onde vinham aquelas vozes. Ao longe vi uma espécie de animal desconhecido, fui em sua direção devagarinho para não o assustar. Para meu espanto não era um animal desconhecido, era uma pessoa e perguntei-lhe como se chamava, mas ela não me respondeu.

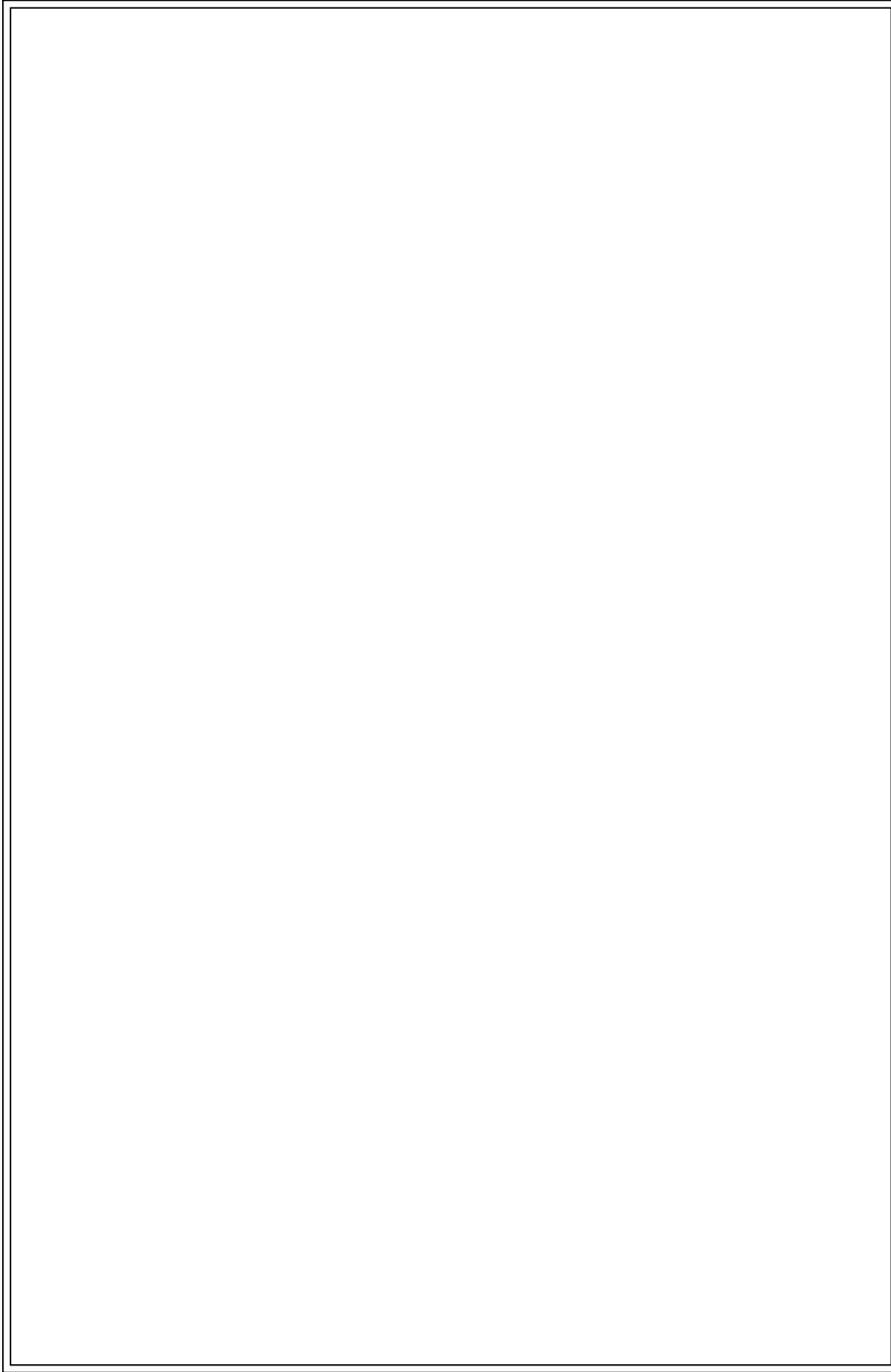
Quando virei costas por um bocado, ela já lá não estava. Continuei corajosa em direção ao vulcão. Quando cheguei vi uma abertura, entrei, olhei à minha volta e só vi uma espécie de sinais de código, milhares e milhares de sinais. Eram todos assim §§ = = }}... e eu não os conseguia decifrar. Tentei perceber, mas não consegui, até que vi umas escadas. Subi a correr e vi a pessoa que eu tinha encontrado antes, na entrada do vulcão. E disse-lhe: – Agora não tens por onde sair!

A pessoa, muito assustada disse que eu era a sua salvação e que só tinha fugido antes porque estava assustada. Estava presa na ilha há muito tempo. Eu entendi e ofereci boleia, no nosso barco. Ela aceitou e agradeceu muito!

Então fomos os dois para o barco, onde os meus colegas de certeza que já estavam à minha espera. Mas quando chegámos...nem o barco nem os meus colegas estavam no sítio onde os deixei. Onde estariam?

Descobrimos depois que se tinham cansado de esperar por mim e tinham partido! Então, eu e o meu novo amigo fizemos uma jangada. Eu fui buscar folhas grandes e ele foi buscar paus. Quando terminámos, empurrámos a jangada para o mar.

Depois saltámos para a jangada e seguimos caminho, numa nova aventura com um novo amigo...



ZINZA-LANDIA

Eu e a Turma entrámos no barco onde estava o sub-capitão chamado Barba Negra. Andámos e de repente vimos uma terra desconhecida.

Quando lá chegámos, saímos do barco e a Professora mandou-nos separar, para melhor explorar. Eu fui para um canto do território, onde vi um monstro com 25 olhos, 6 braços, 8 pernas e barriga de duas cores. Eu chamei-lhe Zimpe e ao território dei o nome de Zinza-landia.

Passado algum tempo começaram a aparecer mais Zimpes. Uns maiores que os outros, com diferentes números de olhos, de diferentes formas e feitios, número de braços, etc... Os meus colegas encontraram diferentes coisas. O Zé, por exemplo, encontrou um coração a dançar. Ele disse-me que o coração falava e que gostava dele!?

Passados uns minutos comecei a ouvir sons e risos, depois apareceram piratas com perna de pau e olho de vidro. Eu fui avisar a minha turma, fomos todos a correr até ao barco e viajámos para uma gruta. Entrámos na gruta onde se ouviam gotas de água a cair e havia eco.

Separámo-nos, um para cada lado. No meu sítio começou a ouvir-se um barulho “sssss ssss ssss”! Parecia uma cobra e o som ouvia-se cada vez mais perto e forte. Quando acendi uma tocha vi um monstro que tinha dois olhos, uma boca, um nariz e uma das metades era vermelha e a outra verde. O monstro disse-me que se chamava Mocoração. Era metade coração metade monstro, o coração disse que queria namorar comigo e o monstro respondeu logo que não.

Depois a Professora chamou para voltarmos ao barco e assim terminei a minha grande aventura.

RODRILANDIA

Eu e os meus colegas fomos numa aventura para uma ilha chamada Rodrilandia. Cada um *{dos exploradores}* da minha turma foi para um canto dessa ilha e cada um foi à procura de tesouros. Eu encontrei ouro numa caixa.

Por baixo dessa caixa estava uma armadilha onde eu caí.

Comecei a gritar:

– Socorro, socorro!

Um dos meus amigos ouviu-me e foi ajudar-me. Conseguimos retirar a caixa de ouro e sair da armadilha.

Depois fomos para o barco em que tínhamos vindo para a ilha. Os marinheiros eram a Professora Sandra e a Professora Lurdes.

Quando chegámos à escola arrumámos tudo e fomos embora.

A CIDADE VELHA

Tudo começou quando descobri o mapa que o meu avô me deixou quando morreu.

Fui de avião até à cidade Velha à procura de aventura. Quando lá cheguei, a cidade Velha estava um deserto, com a terra seca, com as flores secas e havia um grande lago com peixes de cor laranja e branco, amarelo. Havia um arco-íris e também um barco.

Eu peguei no barco e procurei no mapa a aldeia mais próxima. Fui lá para comprar muita terra, muitas flores, muitas árvores e muitos peixes. O barco vinha cheio de coisas.

Eu, para arranjar a Cidade Velha, precisei primeiro de tirar as flores secas e metade da terra seca; em segundo lugar, colocar cem quilos de terra e alisar; em terceiro, colocar as flores; e por último, colocar mais peixes no lago.

A Cidade Velha ficou como nova, cheia de cor. As pessoas ficaram muito felizes.

Agora a Cidade Velha chama-se a Nova Cidade Velha e a minha aventura terminou.

EM DIREÇÃO À CHINA

A Turma, as Capitãs Sandra e Lurdes iam a caminho da China, de barco.

– Marujos estão prontos para embarcar? – disse uma das Capitãs.

– Sim, Capitã. – Respondemos.

Navegámos, navegámos... Até que eu perguntei se faltava muito.

A Capitã respondeu que apenas tínhamos começado a viagem. Mas também disse que íamos parar para ir à casa de banho, comer, beber água e brincar.

Após a pausa ouviu-se: – Vamos lá Marujos continuar a viagem.

Depois de tanto tempo chegámos. E encontrámos um menino que sabia *tudo sobre a cultura* chinesa, que nos ajudou nesta aventura.

A ILHA DO BARCO DOS DOCES

Eu e os meus amigos fomos no barco até uma ilha chamada Maria. Quando chegámos à ilha, saímos do barco, em fila, e fomos individualmente explorar a ilha.

Passados alguns minutos encontrei uma mesa com um livro colorido em cima dela. Ao lado da mesa havia um barco à vela que estava na água. O barco tinha um ar suspeito, tinha tinta vermelha na proa.

Aproximei-me do barco e descobri que a tinta vermelha afinal era geleia e o barco estava cheio de doces deliciosos. Olhei em redor para ver de encontrava o dono, mas nada, nem sinal de qualquer pessoa.

Fui então direito aos doces, enchi os bolsos das calças, do casaco e até o gorro que tinha levado enchi (levei o gorro porque estava muito frio).

Regressei para o nosso barco cheio de doces! Quando cheguei ao barco não estava lá ninguém, ainda não tinham chegado. Esperei sentado, com vontade de comer um doce, mas resisti, pois queria partilhar com os meus amigos.

Avistei ao longe umas sombras, eram os meus amigos que estavam a chegar todos tristes e de cabeça baixa. Quando chegaram junto a mim, contei o que tinha encontrado e partilhei os doces com todos eles.

Saímos da ilha todos felizes e de barriguinha cheia.

Ficou sempre uma pergunta no meu pensamento, a quem pertencia o livro colorido que estava em cima da mesa e como foi lá parar o barco à vela cheio de doces.



MUNDO DA MARAVILHA

No Mundo da Maravilha todos eram amigos. Ninguém batia em ninguém, pois quem o fizesse, era expulso da cidade. Se alguém se magoasse nós, a Turma, íamos ajudar.

No Mundo da Maravilha brinca-se, há divertimento, há amizade, há alegria e muita animação! Este é o mundo onde todas as crianças gostariam de viver, de ir à escola e de ter amigos.

Nesse mundo eu gostava de conhecer mais pessoas, gostava de saber que animais vivem lá e se a Natureza está protegida e cuidada.

O TERRITÓRIO DESCONHECIDO

Num belo dia, a Turma e as suas duas Professoras andavam a visitar um navio antigo e, nesse navio, encontraram um mapa. Esse mapa mostrava um caminho para um território desconhecido e eles começaram a perguntar-se se existiria algum tesouro escondido, nesse mesmo território. A Turma decidiu seguir as indicações do mapa.

Quando acabaram de seguir todo o caminho indicado pelo mapa encontraram o tal território. De seguida, entraram lá e disseram:

– Não vive cá ninguém, este território está abandonado!

Para cada lado que olhassem, só viam ratos a correr, mas nada de portas ou entradas secretas para um tesouro escondido. Até que, finalmente, um aluno descobriu algo que parecia ser uma entrada secreta. Nessa entrada havia uma porta com um código e as crianças tiveram que o descobrir, para poderem entrar no esconderijo.

Ao entrar no esconderijo, viram uma arca de um tesouro, mas para seu espanto, quando a abriram, estava vazia. Os alunos ficaram cheios de medo, pois pensavam que podia ter sido um ladrão, a roubar o tesouro.

Enquanto tentavam arranjar pistas para encontrar o tesouro desaparecido, os alunos e as duas Professoras viram os ratinhos a passar e então decidiram segui-los. Quando acabaram de seguir os ratinhos até à toca deles, ficaram surpresos!

Tinham sido os animais a roubar o tesouro. Tentaram tirar o tesouro aos ratos, mas eles não deixaram. Então fizeram um acordo com eles. O acordo era que iriam partilhar o tesouro, metade para cada grupo.

Depois de dividirem tudo, os alunos despediram-se dos ratinhos e prometeram-lhes que os iriam visitar um dia...

DARK OLANDIA

Integrados na Expedição, havia quatro aventureiros que se chamavam José, Pedro, Miguel e Bernardo. Eram quatro aventureiros que pensavam entrar numa cidade que se chamava Dark Olandia.

Era uma cidade muito grande e bonita, mas era muito longe. Foram de barco e até lá chegar passaram por África, Génève, Paris e Brasil. Passadas dez horas chegaram a Dark Olandia. Eles gostaram muito da cidade, mas o empregado do hotel disse-lhes que só podiam ficar um dia.

Os aventureiros perguntaram porquê, e receberam a indicação de que só havia um quarto e já estava ocupado, mas o hóspede já não voltava naquele dia (por isso podiam ali ficar uma noite).

Dormiram e acordaram. e pediram mais um dia ao empregado, mas este disse para se irem embora. Os aventureiros sabiam que era hora de ir embora.

Foram embora e não encontraram nenhum sítio para dormir. Passadas três horas finalmente encontraram um outro hotel e havia quatro quartos, cada um dormiu em seu quarto.

{Quando a aventura acabou, voltaram para a Expedição.}

[UMA]
UNICORNILÂNDIA

Eu e a minha Turma fomos viajar pelo mundo. Nós fomos de barco. Quando chegámos ao barco a Capitã disse:

- Aqui no barco não é para discutir, entenderam?
- Sim capitã.

À ida para lá, a minha amiga viu uma sereia e todos ficaram espantados, a sorte é que elas não cantaram para hipnotizar os rapazes. Também vimos dois golfinhos e também vimos outras coisas...

Nós estávamos a chegar quando de repente apareceu outro navio e tivemos que lutar. A minha amiga lançou balas de canhão e ganhámos.

Já dava para ver a ilha e a capitã disse:

- Marujos chegamos à ilha, vou parar o barco, está bem?
- Está bem capitã.

Era a coisa mais linda do mundo, tinha árvores, coqueiros, uma parte muito escura, areia e arbustos. Nós separámo-nos, dois a dois e eu fiquei com a minha melhor amiga, nós ficámos com a parte mais escura da ilha para explorar.

Quando nós entrámos era a coisa mais linda do mundo e nós dissemos:

- Turma, turma nós encontrámos uma coisa surreal.

Às perguntas da Turma nós respondemos que tínhamos visto uma cidade chamada Unicornilândia. Já era tempo de regressar e voltámos todos para o barco e, daí, para casa.

[OUTRA]
UNICÓRNILÂNDIA

Numa aventura com os meus colegas *(em parte)* piratas, a nossa Capitã decidiu ir a uma pequena cidade chamada Unicórnilândia.

Na aventura a caminho da Unicórnilândia passámos por vários perigos como o dinotubarão, o tigre-sereia, o leão-peixe e vários outros animais perigosos do mar. A meio da aventura de repente apareceu uma grande tempestade.

Depois eu, pirata Matilde, vi uma ilha ali perto. Disse à minha Capitã, ela virou o barco e abrigámo-nos todos numa pequena casa que lá havia. Quando entrámos estava tudo cheio de mantimentos que eram comida, roupas, bebidas, mas também havia camas, móveis e muitas outras coisas.

O que não sabíamos é que aquela casa pertencia a um ladrão. Só quando fomos todos ver o armário é que encontrámos roupa de ladrão. Então, desatámos todos a correr para o barco e a nossa sorte foi que a tempestade já tinha desaparecido.

Depois de 10 horas de perigo finalmente chegámos à Unicórnilândia. Mas os aventureiros também não sabiam que no cimo da montanha existia um feiticeiro que odiava unicórnios.

Um dia o tal feiticeiro envenenou uma maçã e se alguém a comesse, transformava-se em dragão. O feiticeiro atirou a maçã pela janela e a princesa unicórnica a filha da rainha e do rei, comeu a maçã e transformou-se num dragão. Os aventureiros deram conta e foram a correr salvar a pobre unicórnica e, com o poder da mãe e do pai unicórnios, conseguiram fazer a princesa voltar ao normal.

Os aventureiros tiveram uma ideia que era banir o feiticeiro de lá e, no final, conseguiram bani-lo. No final, o rei e a rainha nomearam todos os aventureiros os guardiões dos unicórnios.

O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.